

Mercadante, o 'calouro' que as CPIs ajudaram a projetar

■ Deputado de 1º mandato conquistou espaço e admiradoras

EUGÊNIA LOPES

BRASÍLIA — Quando assumiu seu primeiro mandato na Câmara dos Deputados em 1990, o economista Aloizio Mercadante (PT-SP) chegou com a credencial de "ex-quase ministro da Economia" do candidato derrotado Luiz Inácio Lula da Silva. Passados três anos, conquistou espaço próprio graças à atuação nas CPIs do PC e do Orçamento. "Ele é um símbolo da nova mentalidade política", elogia o senador José Paulo Bisol (PSB-RS), um companheiro inseparável de Mercadante nas comissões de inquérito.

Eleito com cerca de 120 mil votos, Mercadante não é reconhecido apenas por sua competência parlamentar. Ele é, com certeza, o deputado que mais causa *frisson* entre as funcionárias do Congresso. "Ele é um gato", define uma, que prefere não ser identificada por ser casada. "É o deputado mais lindo que passou por aqui", completa outra. Mas Mercadante prefere ignorar esses elogios, pelo menos publicamente. "Sou uma pessoa caseira. Gosto de curtir a minha casa com os meus filhos e minha mulher", afirma.

Os elogios rasgados que recebe das mulheres são, evidentemente, bem diferentes dos que lhe dedicam seus companheiros de banca. "Ele cresceu porque é um petista. Se fosse do PRN, seria apenas mais um no Congresso", diz um colega mineiro.

Só que todo destaque conseguido por Mercadante não atrai apenas admiração, mas também muita ciúmeira. Foi assim na CPI do PC. "Para evitar os ciúmes dos outros parlamentares, eu procurava distribuir quem daria as informações à imprensa. Mas o Mercadante, sempre muito ativo, saía na frente", conta Bisol, que foi o coordenador da subcomissão de bancos na CPI do PC.

Brasília — Josemar Gonçalves



Mercadante: ex-quase ministro

Rigor — Obcecado pelo trabalho e muito centralizador, Mercadante se dedicou totalmente a descobrir os cheques-fantasmas envolvendo o esquema de corrupção de PC Farias e Fernando Collor. Ele guardava com tanto rigor os papéis que um dia, quando o relator, senador Amir Lando (PMDB-RO), foi mexer no cofre, levou um susto com a reação do petista: "Não mexe no cofre, não. Isso aí é meu". Surpreso, Lando achou melhor concordar.

Esse jeito algo brusco — que também pode ser traduzido por um estilo determinado — rende

críticas ao deputado. "O Mercadante revela que herdou um estilo autoritário do pai general", analisa um parlamentar da CPI do Orçamento, referindo-se ao general Osvaldo Muniz Oliva. "Mas, ele é um excelente investigador. É sempre o mais eficiente e duro na CPI", pondera outro.

Apontado frequentemente como responsável por passar muita informação a jornalistas, Mercadante se defende: "Isso aqui é uma casa de vidro. Se a CPI não for um aquário, afunda no lodaçal". Ele acredita que somente fatos que possam atrapalhar as investigações não devem ser divulgados. "O processo tem que ter transparência. A população está julgando nossos passos a todo momento", alega.

Alternativas — Como economista do PT no Congresso, Mercadante se diz desolado. "Quando cheguei aqui imaginava que iria pensar em alternativas de desenvolvimento para o Brasil", relembra. "Mas estou gastando um tempo muito grande do meu mandato combatendo a corrupção." Mas rapidamente se anima ao frisar que atualmente o Brasil está num caminho sem volta. "É um resgate da ética na política."

Guru econômico do partido, Mercadante defende posições pouco ortodoxas, como a privatização de algumas estatais. "O PT tem que enfrentar o corporativismo e romper com a lógica populista que é uma tradição latino-americana", sentencia. "O Mercadante é muito técnico. É o porta-voz do Lula, que nem sempre consulta as bases do partido", critica um deputado petista.

Mercadante não nega fidelidade absoluta a Lula, mas afasta a ideia de que seria o ministro da Fazenda: "Não desejo esse cargo nem para mim, nem para ninguém. É um grande abacaxi".